

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ELCYANE NASCIMENTO ABENSUR**

**A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS FRENTE A PANDEMIA DO COVID-19**

**MANAUS-AM**

**2021**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ELCYANE NASCIMENTO ABENSUR**

**A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS FRENTE A PANDEMIA DO COVID-19**

Monografia apresentada como requisito final para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas.

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Mônica de Oliveira Costa.**

**MANAUS-AM**

**2021**

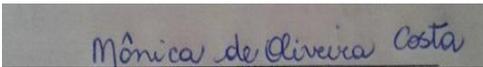
**ELCYANE NASCIMENTO ABENSUR**

**A DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS FRENTE A PANDEMIA DO COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado do Amazonas – Escola Normal Superior, como exigência parcial para obtenção do título de Graduação em Licenciatura em Pedagogia.

Manaus, 03 de agosto de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**



Mônica de Oliveira Costa

---

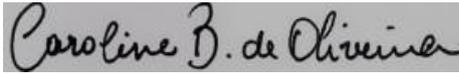
Mônica de Oliveira Costa – Orientadora  
Universidade do Estado do Amazonas



Keven Sobreira Ferreira

---

Keven Sobreira Ferreira – membro  
Secretaria de Estado de Educação e Desporto - SEDUC



Caroline B. de Oliveira

---

Caroline Barroncas de Oliveira – membro  
Universidade do Estado do Amazonas

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

A142d Abensur, Elcyane Nascimento  
A docência dos anos iniciais frente a pandemia do  
Covid-19 / Elcyane Nascimento Abensur. Manaus: [s.n],  
2021.  
39 f.: color.; 30 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura -  
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.  
Inclui bibliografia  
Orientador: Costa, Mônica de Oliveira

1. Docente. 2. Cuidado de Si. 3. Pandemia. I. Costa,  
Mônica de Oliveira (Orient.). II. Universidade do Estado do  
Amazonas. III. A docência dos anos iniciais frente a  
pandemia do Covid-19

**Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463**

## DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho à minha família que sempre foi meu maior apoio e incentivo para iniciar e concluir minha graduação.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele eu nada sou, por me sustentar em momentos difíceis, e o decorrer da caminhada me manteve firme e tornou o fardo leve.

Aos meus pais Jonas e Elcy, pelo amor, cuidado e por tudo que me ensinaram. Obrigada por serem meus maiores incentivadores, e por sustentarem junto comigo o sonho dessa caminhada. Aos meus irmãos Wellington e Welton, por serem peças fundamentais na minha vida e história.

Ao meu esposo Luan, por me encorajar a nunca desistir, pela paciência, compreensão e amor. Por segurar minha mão quando foi preciso e por trilhar essa formação ao meu lado. Toda a gratidão do mundo.

À minha tia Edilene, e minha prima Rayssa por sempre acreditarem no meu potencial e me incentivarem a continuar.

Ao meu sobrinho Felipe, por ter sido a luz da minha vida e alegria nos dias difíceis.

Aos meus amigos que incentivaram, acreditaram e acompanharam toda essa jornada.

À amiga que a universidade me presenteou, Julie, por todo o companheirismo, cumplicidade e auxílio que me deu dentro de sala e fora dela.

À minha orientadora, que aceitou o desafio de caminhar comigo na construção desse trabalho.

## **RESUMO**

O objetivo desse trabalho é narrar como se constituiu a minha docência nos anos iniciais frente a pandemia do Covid-19. Com reflexões sobre o impacto da pandemia na docência, e o conceito de cuidado de si em Foucault. Trago narrativas sobre a continuidade das aulas durante a pandemia e como desenvolvi meu professorar numa escola da rede privada de ensino que precisou se reinventar para atravessar o ensino remoto emergencial. Trata-se de uma pesquisa pós-crítica, na qual a empiria é constituída por episódios importantes nessa jornada, que por ser multifacetada, escolho olhar para o planejamento (onde discorro acerca de como fluiu a nossa organização no ensino remoto e as exigências diante do cenário imposto pela pandemia); recursos tecnológicos (no qual narro a experiência com as plataformas digitais e de que maneira as aulas aconteceram em frente a telas de notebooks e smartphones); engajamento e aprendizagem dos alunos nas atividades remotas (quando traço considerações sobre a participação – ou não – dos alunos). Elaborada a partir das minhas vivências e experiências como auxiliar de professora de uma rede privada de ensino.

**Palavras-Chave:** Docente. Cuidado de si. Pandemia.

## **ABSTRACT**

The aim of this work is to narrate how my teaching has been constituted in the early years of the Covid-19's pandemic, through reflections about the impact of the pandemic on the teaching and the concept of self-care of Foucault. I've brought tales of class's attendance during the pandemic and how I've developed my teaching in a private school which needed to reinvent itself to get through the remote emergency teaching. It's a post-criticism's research, in which the empirical is developed through important episodes of the journey, that can be multifaceted. I choose to survey the planning (in which I discourse about how the organization of the remote teaching was done and the requirements in face of the scenery made by the pandemic); technologic resources (in which I tell the experience with the digital platforms and how the classes were conducted through notebook's screens and smartphones); engagement and apprenticeship of the students in remote activities (in which I give consideration about the participation of them). Draw by my experiences as assistant teacher of a private school.

**Keywords:** Teaching. Self-care. Pandemic.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: O CUIDADO DE SI E SUA RELAÇÃO COM A DOCÊNCIA .....	14
1.1. SOBRE O CUIDADO DE SI EM FOUCAULT .....	14
1.2. RELACIONANDO O CUIDADO DE SI COM A DOCÊNCIA .....	16
1.3. MODOS DE OLHAR O CUIDADO DE SI E A DOCÊNCIA.....	19
CAPÍTULO II: O FAZER DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID- 19.....	22
2.1. O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL .....	22
2.2. O PLANEJAMENTO NO ENSINO REMOTO .....	26
2.3. RECURSOS TECNOLÓGICOS .....	29
2.4. O ENGAJAMENTO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS NAS ATIVIDADES RENOTAS .....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	37
REFERÊNCIA .....	38

## INTRODUÇÃO

É necessário caminhar. Traçar um itinerário não muito preciso, uma direção, apenas, para os pés. Caminhar passo a passo. Não saber o que é que se vai encontrar por detrás de cada curva, de cada encruzilhada. Caminhar sob a chuva, sobre a lama, até a fadiga. Aguardar as dádivas da fadiga. Buscar um ritmo para cadenciar os pés, o olhar, a escritura. Tocar a cidade com os pés, com os olhos, com as palavras. Deixar-se tocar por ela.  
Jorge Larrosa

É sobre (des)caminhos que trata este trabalho. Itinerários, curvas, desvios, interdições de uma docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para que possamos entender a escrita dessa pesquisa, precisamos contextualizar o momento em que ela está inserida. Para que haja entendimento do que estou falando, farei uma breve explicação sobre a pandemia e as primeiras medidas de segurança tomadas acerca da transmissão do vírus. Segundo as informações contidas no site da Organização Mundial da Saúde (OMS), os coronavírus são partes de uma família de vírus que causam problemas respiratórios, gripes e podem gerar doenças mais graves. Em dezembro de 2019 houve a identificação de um novo tipo de coronavírus, na China e de maneira muito rápida, se espalhou por outros países.

Conforme consta nos registros do Ministério da Saúde do Brasil, em fevereiro de 2020, foi identificado o primeiro caso de COVID-19 no país. Em consequência da velocidade de infecção do vírus, estados e municípios estabeleceram medidas de segurança para que a propagação do vírus fosse combatida. Aderindo a recomendação mundial, a medida de isolamento foi tomada na maioria dos estados brasileiros, decretando o fechamento de serviços que eram considerados “não essenciais”. No Amazonas, o Decreto Nº 42.087, de 19 de março de 2020 suspendeu as aulas presenciais em todos os municípios do Amazonas. Nos termos do Art. 1º, Inciso I<sup>1</sup>.

Com o aumento da disseminação do vírus, o decreto que duraria 15 dias foi prorrogado. Em abril, pretendendo orientar as escolas o Conselho Nacional de Educação (CNE) enviou ao Ministério da Educação (MEC) uma resolução com diretrizes referentes ao período de suspensão do ensino presencial e à volta às aulas no contexto da pandemia. Com a suspensão das atividades presenciais, foi

---

<sup>1</sup> Sem prejuízo de todas as determinações constantes dos Decretos nº 42.061, de 16 de março de 2020, 42.063, de 17 de março de 2020 e 42.085, de 18 de março de 2020, ficam suspensas, pelo prazo de 15 (quinze) dias: I - As aulas, no âmbito da rede estadual pública de ensino em todos os Municípios do Estado, integrada pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto, bem como do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas e da Universidade do Estado do Amazonas.

necessário pensar em como os alunos teriam acesso ao ensino. Então, a Secretaria de Estado de Educação e Desporto – SEDUC e Secretaria Municipal de Manaus – SEMED assinaram um Termo de Cooperação Técnica para ampliar um programa já existente o “Programa Aula em Casa”<sup>2</sup> com objetivo de atender os alunos das redes públicas municipal e estadual

A temática inicial dessa pesquisa que tinha como tema “A pedagogia e as estratégias tecnológicas na educação”, com o propósito de evidenciar como as tecnologias poderiam ajudar no ensino-aprendizagem das crianças nos anos iniciais a pesquisa que seria de campo, precisou ser interrompida, pois as escolas ainda permaneciam fechadas por conta da pandemia. então, foi preciso pensar em outras possibilidades.

Logo, as aulas presenciais das escolas de ensino regular foram suspensas, as das universidades também. Não podendo ter aulas presenciais, o curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas, do qual faço parte, passaram a ser remotas, seguindo os horários do presencial, mas feitas por plataformas digitais. Em meio a tudo isso, eu<sup>3</sup> atuava como professora auxiliar dos anos iniciais em uma escola da rede privada de ensino. Particpei ativamente de todas as mudanças acarretadas por conta da pandemia, para que as aulas continuassem acontecendo. Atuando como professora dos anos iniciais e sendo aluna na universidade, me abriu um viés de reflexões, com uma perspectiva completamente diferente do que estava em mente no início da pesquisa.

A pesquisa inicial seria de campo, e pensada apenas no uso da tecnologia na educação. Agora com o olhar voltado ao professor, refletindo sobre o momento, as dificuldades e principalmente a insegurança desse professor. A pesquisa toma um rumo autobiográfico, enaltecendo a minha experiência como professora dos anos iniciais na rede privada de ensino e os impactos da pandemia ao docente.

---

<sup>2</sup> O Projeto Aula em Casa foi uma iniciativa do Governo do Estado do Amazonas por meio da Secretaria de Estado de Educação e Desporto (SEDUC-AM) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED) que em função da pandemia ocasionada pelo novo Coronavírus (COVID-19), tinha como objetivo disponibilizar à comunidade escolar conteúdos didáticos pedagógicos para possibilitar a continuidade dos estudos fora do ambiente escolar presencial.

<sup>3</sup> Durante a escrita, uso o “eu”, quando estou narrando alguma experiência vivenciada por mim, no meu trabalho como professora e no meu cotidiano; uso também o “nós”, quando estou me referindo a sociedade, ou quando estou tratando sobre alguma narrativa com outras pessoas que fizeram parte da minha história, para construir essa monografia.

Com o olhar voltado ao professor, refletindo sobre o momento e as dificuldades, principalmente a insegurança no uso da tecnologia e a preocupação se os alunos estavam conseguindo aprender de maneira remota. Mesmo no ensino a distância e de maneira remota, cabe ao professor desenvolver um planejamento voltado ao ensino efetivo.

Perante o exposto, a pandemia do COVID-19 fez com que o professor vivenciasse os momentos de uma forma frenética, com sobrecargas, inseguranças e exigiu uma reflexão sobre a docência e suas práticas. Nesta perspectiva, o cuidado de si vem como contribuinte para pensar sobre essas vivências. O que nos faz questionar: De que maneira o cuidado de si reflete na atuação docente durante a pandemia do Covid-19?

Percebendo sobre a maneira em que os professores da escola privada onde eu atuo, foram submetidos a retomar suas atividades, mesmo frente a pandemia com muitas incertezas e inseguranças. Foi exigido a mobilização de comportamentos mais abertos a mudanças, à novas aprendizagens, às instabilidades, jornadas de trabalho maiores do que antes, cotidiano completamente diferente do ensino presencial.

Diante disto, essa pesquisa tem como objetivo principal compreender de que forma o cuidado de si flui nos escritos de uma docente nos anos iniciais frente a pandemia da covid – 19, também me proponho a estudar sobre o cuidado de si e sua relação com a docência, evidenciando como o cuidado de si pode ajudar ao professor a olhar para si em meio a tantas exigências. Em uma narrativa de acontecimentos decorrentes do ensino remoto na escola a partir da minha vivência como professora dos anos iniciais do ensino fundamental frente a pandemia, problematizando os enunciados sobre a docência no ensino remoto.

Essa pesquisa organiza-se de forma que se compreenda as experiências vividas e narradas por mim, no cenário da pandemia. No primeiro capítulo – “O cuidado de si e sua relação com a docência” – conceitualizo sobre o cuidado de si, e a docência e construo uma relação entre os dois, apresento também a metodologia da pesquisa.

No segundo capítulo - o fazer docente em tempos de pandemia do covid-19 – mostro toda empiria que, neste caso são as narrativas da minha jornada como professora auxiliar nos anos iniciais em uma escola privada, frente a pandemia do covid-19. Esse capítulo é dividido em subtítulos, no primeiro deles apresento o ensino remoto emergencial, com uma breve conceituação e completo com a minha passagem

diante do contexto apresentado. No segundo subtítulo apresento as concepções sobre planejamento de ensino, mencionando como se constituiu o planejamento frente a pandemia. Apresento no terceiro subtítulo, uma breve conceituação sobre os recursos tecnológicos, trazendo os recursos que foram adotados pela escola e narrando como foi esse movimento de aprender e conhecer sobre esses recursos. No último subtítulo, teço a respeito de como fluiu o engajamento e aprendizagem dos alunos durante as atividades remotas.

Acredito que, essa produção contento a minha jornada como professora auxiliar frente a pandemia, traz uma temática enriquecedora para o meu processo formativo, me fazendo (re)pensar sobre a minha prática pedagógica, e me oportunizando a habilidade de problematizar onde se encontra o cuidado de si, diante dessa prática. Assim, desejo uma leitura serena, sobre essa jornada que foi muito significativa de escrever.

## **CAPÍTULO I - O CUIDADO DE SI E SUA RELAÇÃO COM A DOCÊNCIA**

No presente capítulo discorro sobre as concepções do cuidado de si de Michel Foucault. De forma inicial, trago os conceitos acerca dessa concepção, e reflito sobre sua relação com o trabalho docente. Considero o contexto da pandemia do covid-19, para problematizar as exigências da ação docente, que com tanta sobrecarga considera deixar de lado o olhar para si e para as suas transformações enquanto professor, por fim, apresento os dados metodológicos que constituem essa pesquisa.

### **1.1 SOBRE O CUIDADO DE SI EM MICHEL FOUCAULT**

O sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal  
 Jorge Larrosa

Estamos acostumados a caminhar sempre em direção reta, que não nos passa a ideia das curvas e desvios, do novo e inesperado. Neste item, apresento o meu (des)caminhar na pesquisa: os conflitos sobre formação, cuidado de si e o exercício de professora, o afastamento dos caminhos seguros e previsíveis, os novos rumos, os encantamentos, as transformações.

Quando me foi proposto narrar minhas experiências enquanto professora auxiliar dos anos iniciais do Ensino Fundamental, encontrei um certo estranhamento acerca de como este conceito me ajudaria a atravessar minhas vivências em busca do que me constitui como docente. Antes de apresentar alguns episódios, disponho sobre o meu entendimento acerca da ferramenta que proponho abordar nesta pesquisa.

O cuidado de si é delineado por Foucault em seus últimos anos de vida, mas a base central dessas discussões sempre estiveram presentes em seus estudos. Primeiramente esse “cuidado de si” foi nomeado de “cultura de si”, se refere a técnicas de si que articulam a beleza de existir. Esse conceito pode ser compreendido como ter o conhecimento de si próprio, mas que exige regras de princípios e condutas éticas que exigem o ocupar-se de si. Assim, o indivíduo pode encontrar sua singularidade por meio do olhar-se de si.

O cuidado de si consiste em um conjunto de princípios no qual o sujeito é convidado a compreender de que modos foi sendo construído discursivamente é um estilo de vida culminando em uma estética da existência e liberdade humana. Cuidado

de si não é um privilégio, nem mesmo o dever de alguns, se torna imperativo o cuidar de si para todos, além disso, este cuidado não está relacionado a fase específica da vida, mas é uma atividade para o tempo todo principalmente quando se alcança a maturidade, ou seja, o cuidado de si é um princípio válido para todos, todo o tempo e durante toda a vida. (FOUCAULT, 1985).

O cuidado de si, favorece uma reflexão sobre o docente consigo mesmo, de modo que ao se ver, perceba também sua relação com o outro, inseridos na realidade em que vivem. Nesse sentido, o cuidado de si se faz como uma ação desafiadora diante do que somos e do que queremos ser em relação as práticas docentes. É um convite para me entender-se como sujeito-professora, as subjetividades que me constituem nesse processo e o cuidado com o outro, neste caso os demais sujeitos presentes no ambiente escolar.

O cuidado de si também sugere a relação com o outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim o problema das relações com os outros está presente ao longo do desenvolvimento do cuidado de si. (FOUCAULT, 2004, p. 271)

Para Foucault (1985) O cuidado de si exige que o sujeito tenha tempo para prática, em um exercício de si mesmo, na filosofia antiga foi considerado como um dever e técnica, com um grau de obrigação fundamental, pois abrangia diversos procedimentos com bastante atenção, por isso, o cuidado de si constituía-se em práticas constantes, porém com vários significas, envolvendo o cuidado de si, ocupa-se consigo mesmo e o preocupar-se com si.

Garanto que não foi fácil conseguir entender essa ferramenta, mas ao estudar sobre o cuidado de si, eu compreendi a importância dele na vida de nós acadêmicos-professores, pois me permitiu olhar de forma mais singular para meu exercício docente, aproveitando essas mobilizações não apenas para atividades prontas, mas como formas de no decorrer da vida construir outras possibilidades de lentes, mais vivas e moveis.

## 1.2. RELACIONANDO O CUIDADO DE SI COM A DOCÊNCIA

A gente se acostuma a morar em apartamentos de fundos e a não ter outra vista que não as janelas ao redor. E, porque não tem vista, logo se acostuma a não olhar para fora. E, porque não olha para fora, logo se acostuma a não abrir de todo as cortinas. E, porque não abre as cortinas, logo se acostuma a acender mais cedo a luz. E, à medida que se acostuma, esquece o sol, esquece o ar, esquece a amplidão.  
Marina Colasanti

Pensamos que ser professor é entrar numa universidade e aprender muitas teorias, a conhecer o estudante, a escola, os pais, a comunidade. Não olhamos para nós, para nossos aprendizados e para as muitas verdades que nos são ensinadas ao longo da vida.

Para falar de educação devemos pensar que o seu cerne é a inconclusão humana e que é exatamente por isso que nos educamos. Freire (1984, p. 27) aponta que:

[o ser humano] pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca [...]. A educação é possível [...] porque este é inacabado e sabe-se inacabado. [...] a busca deve ser algo e deve traduzir-se em ser mais: é uma busca permanente de “si mesmo” [...].

Partilhando desse pensamento, compreendo que o professor deve ser visto como um indivíduo que é consciente de seu papel no mundo e se desenvolve enquanto se auto educa. Então me pergunto: o que é um professor? “O professor é, antes de tudo um ser humano; nessa sua humana condição existencial também é inacabado, também é inconcluso.” (MOSQUERA, STOBÄUS, TIMM, 2009, p.48). Desta forma, entendemos o professor como um ser humano incompleto, que optou pela docência e que é denominado assim pela sociedade, mas que continua sendo um ser humano.

(...) a identidade profissional docente não é algo que pode ser adquirido de forma definitiva e externa. Ela é movediça e constitui-se num processo de construção/desconstrução/reconstrução permanente, pois cada lugar e cada tempo demandam redefinições na identidade desse profissional. Trata-se, assim, de um processo de produção do sujeito historicamente situado. Ela ocorre, portanto, em um determinado contexto social e cultural em constante transformação, refletindo um processo complexo de apropriação e construção que se dá na interseção entre a biografia do docente e a história das práticas sociais e educativas, contendo, deste modo, as marcas das mais variadas concepções pedagógicas (Caldeira, 2000, p. 2).

É nesse movimento que aponta Caldeira (2000), que refletimos sobre a identidade profissional do professor e suas práticas de si. Práticas essas que para se

desenvolverem é necessário serem feitas em um contexto profundo: o contexto do cuidado de si.

A minha realidade como professora, se passa em uma escola privada. Existe uma desigualdade entre as escolas públicas e privadas, em termos de estrutura, ensino, materiais e etc. Durante a pandemia, essa desigualdade ficou mais notória, enquanto a rede privada de ensino investia em plataformas e recursos para as aulas online, as públicas se viram obrigadas a paralisar as atividades por falta de estrutura para o ensino remoto. Mesmo com a distância existente entre a escola pública e privada, é importante salientar que alguns desafios são inerentes as práticas desenvolvidas em sala de aula. (Quais distâncias você está falando? Diferenças? E se o leitor (a) não for da área da Educação?)

a importância e significado do papel do professor não dependem exclusivamente dele. Compreendendo que a escola como uma instituição social, reconhece-se que o seu valor será atribuído pela sociedade que a produz. Reconhece-se também, que a importância do papel do professor varia em função dos valores e interesses que caracterizam uma sociedade em determinada época. (CUNHA, 1989, p. 15)

As fortes exigências que nos são impostas pelas escolas privadas, especialmente no que tange o desempenho dos alunos, correção de materiais, transmissão de conteúdo, elaboração de provas, e reforço para os alunos que não estão realizando as atividades ou acompanhando os conteúdos passados, gera uma sobrecarga de trabalho. Essas exigências advêm de famílias com situações socioeconômicas privilegiadas que exigem altos desempenhos da escola em torno do processo de ensino de seus filhos. Por conta disso, o trabalho muitas vezes é centralizado no professor, que nesse caso detém o conhecimento e deve com auxílio de todos os recursos que são pagos pelos pais, potencializar os processos em sala de aula.

A instituição educacional, na maioria das vezes não enxerga o professor na sua concepção de ser humano, apenas como um funcionário que tem como papel transmitir os conteúdos aos alunos de maneira eficaz, sem brechas e sem janelas. Esse olhar sobre o professor, cabe também aos pais que por pagarem a mensalidade da escola, exigem uma docência sem falhas, sem humanidade e pautada em apenas ensinar a todo custo seus filhos.

Com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nosso trabalho ficou cada vez mais amarrado as exigências da escola, dos pais e da sociedade. Adequar os conteúdos e produzir as aulas a partir dessa nova diretriz foi

um desafio, e reitero que não só para mim. A estratégia da BNCC<sup>4</sup> (BRASIL, 2018) em basear nossa prática, acaba amarrando ainda mais nosso trabalho, pois o que se diz é que preciso cumprir as exigências estabelecidas pelo documento.

Diante disso, aponto o cuidado de si como um convite para olhar a docência como outra perspectiva. O entendimento de cuidado de si é afetado pela falta de liberdade, muitas vezes posta pela sobrecarga de trabalho, pelas exigências da escola, pela cobrança excessiva dos pais.

Durante a pandemia, o trabalho passou a ser incessante, não há divisões entre tempo de lazer e tempo de trabalho. Os horários se misturam, e o professorar<sup>5</sup> atravessa o nosso dia a dia. Essa ocupação toda de tempo, me faz deixar de ter conexões comigo, com meus alunos e também com minha prática. Esses acontecimentos, são exatamente o oposto da proposta do cuidado de si.

Ocupar-se de si não é uma sinecura. Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excesso, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor. [...] Em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho para consigo e a comunicação para com outrem (FOUCAULT, 2009, p. 56-57).

Assim, o ato de cuidar de si subtende discernimento de si, discernimento do outro, discernimento da vida em sociedade. com o isolamento social do qual passamos, foi um desafio se cuidar no contexto dessa concepção.

Como atravessar as novas exigências desse novo tempo, sem pensar em si? Referencio o conceito de cuidado de si, como uma reinvenção para o professor, diante do contexto descrito. Nesse sentido, aponto o cuidado de si como um exercício autoformativo, pois nos possibilita emergir em nossa subjetividade a fim de investigar o que nos constitui, de maneira que permita reflexões acerca de nossas práticas além do poder de transformá-las.

---

<sup>4</sup> A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

<sup>5</sup> Utilizo esse termo para me referir ao exercício de ser professor (a).

### 1.3. MODOS DE OLHAR O CUIDADO DE SI E A DOCÊNCIA

A maior riqueza do homem  
é sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado. Manoel de Barros

São as incompletudes da pesquisa que passo a discorrer: a empiria e as lentes para olhá-la. Optei pela pesquisa pós-crítica porque ela não atende as discriminações classificativas comuns, pois vê o “objeto” a partir do sentido que nós damos a ele, pois fomos ensinados a pensar de certo modo, mas em seguida, estranhamos essas formatações e temos a possibilidade de margear outros olhares. Como descreve Chaves (2000), no qual a minha intenção de contar o que eu pude sentir, e o propósito que eu propus se constituem em trajetos do processo de investigação.

Metodologia é “o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo, ou para se fazer ciência” (GERHARDT; SILVEIRA. 2009, p.12). É imprescindível mencionar que o cuidado de si, na perspectiva de Michel Foucault foi utilizado como base teórico-metodológica dessa pesquisa, e que partindo dela será narrado as minhas vivencias no ambiente escolar frente a pandemia do covid-19.

Com certeza, a metodologia utilizada nessa pesquisa tem uma perspectiva diferente da qual, nós acadêmicos, estamos familiarizados, pois anoro este estudo no referencial pós-crítico. Essa possibilidade de pesquisa, se caracteriza por questionar “o conhecimento (e seus efeitos de verdade e de poder), o sujeito (e os diferentes modos e processos de subjetivação), os textos educacionais (e as diferentes práticas que estes produzem e instituem)” (PARAÍSO, 2004, p. 287).

A pesquisa pós-crítica em educação, não se prende a regras preestabelecidas por metodologias tradicionais, em vez disso, escolhem por explanações globais e relatos parciais. Não se importando com evidências do que já foi organizado na educação, muito menos com “descobertas” nesse meio. Optam pela criação, pela produção e pela obra, considerando que o sujeito da pesquisa é um resultado do seu discurso, da sua história. Além disso, essas pesquisas não se interessam por modos “certos” de ensinar, formas “adequadas” de avaliar ou por conhecimentos “legítimos”; a não ser para problematizar essas comprovações, esses modos, essas formas e conhecimentos (PARAÍSO, 2004).

Sendo assim, é preciso compreender o que se entende por pesquisa. Gil (2002, p.17), define pesquisa como “procedimento racional e sistemático, que tem como

objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Dessa maneira, essa pesquisa desfoca em trazer inúmeros itens a serem analisados, e tem como foco questões da realidade que não podem ser quantificadas, na compreensão e explicação das relações sociais. Portanto, procuro realizar uma pesquisa qualitativa onde “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA. 2009, p.33).

Essa pesquisa foi elaborada a partir da minha vivência como auxiliar de professora em uma escola privada de ensino, no município de Manaus, situada na zona centro-sul. Posicionada em uma das principais avenidas da cidade, tendo uma localização de fácil acesso. Por ser uma escola privada, não atende apenas a comunidade do seu entorno e sim um público diversificado, de várias zonas da cidade. A maioria dos alunos são oriundos de famílias com condições financeiras estáveis.

A escola funciona em um prédio de dois andares, desfrutando de 16 ambientes, destes 8 são salas de aula. possuindo também: secretaria, diretoria, sala de atendimento, dormitório, refeitório, banheiros e pátio. Opera em dois turnos, matutino e integral, atendendo da Educação Infantil (Maternal, 1º período e 2º período) aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano).

Essa escola faz parte da minha jornada enquanto professora em formação, adentrei na escola ainda no quarto período da graduação, ainda no regime de estágio, onde apenas corrigia e vistoriava materiais didáticos. Após um ano, fui contratada como auxiliar de professor, com a função de acompanhar a rotina dos alunos do turno integral, auxiliar nas atividades, reforçar conteúdos, montar e aplicar revisões de disciplinas. No ano em que fomos surpreendidos por uma pandemia mundial, tudo que estávamos habituados a fazer acabou tomando outro rumo.

Os elementos que constituem essa pesquisa foram forjados através das minhas vivências e experiências, os estudos do grupo de pesquisa, os encontros de orientação e a análise das situações descritas. Me atenho a pontos que atravessei e considere importante para narrar, tais como o planejamento no ensino remoto, os recursos tecnológicos utilizados e como os alunos engajaram nesse meio.

As narrativas se passam a partir dos meus caminhos enquanto professora atuante dos do 1º ao 3º ano, dos anos iniciais. No período de abril de 2020 a abril de 2021.

A priori, organizo minhas vivências por temática a fim de melhor organização e compreensão do trabalho. São elas: planejamento que discorre acerca de como fluiu a nossa organização no ensino remoto e as exigências diante do cenário imposto pela pandemia; recursos tecnológicos, onde narro a experiência com as plataformas digitais e de que maneira as aulas aconteceram em frente a telas de notebooks e smartphones; engajamento e aprendizagem dos alunos nas atividades remotas, onde traço considerações sobre a participação – ou não – dos alunos.

## **CAPÍTULO II: O FAZER DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19**

Nesse capítulo teço sobre os desdobramentos da docência frente a pandemia do covid-19, elencando as situações vividas que julgo mais importantes nesse processo. Inicio com uma breve apresentação do ensino remoto emergencial, juntamente com o ensino hibrido e a minha travessia como docente diante de tais situações. Trago também pontos importantes como o planejamento, recursos tecnológicos e engajamento e aprendizagem dos alunos diante desse cenário imposto pela pandemia. Apresento minhas considerações, vivencias, relatos, memorias das propostas apresentadas nessa seção.

### **2.1. O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

Olhos, vale tê-los, se, de quando em quando, somos cegos e o que vemos não é o que olhamos, mas o que o olhar semeia no mais denso escuro” MIA COUTO, 2016.

Neste capítulo trago meus olhares, o que não vejo, algumas cegueiras e outras lentes. Narro acontecimentos que vivenciei, enquanto ocorria a transição das aulas presenciais pelas aulas remotas, em decorrência do fechamento das escolas durante a pandemia da covid-19. Atravessando todo o processo como professora auxiliar dos anos iniciais, em uma instituição privada de ensino. Subscrevo que não foram dias fáceis, foram momentos cheios de inseguranças e incertezas pra mim e todos os que passavam pelo mesmo no ambiente escolar.

Com a pandemia de Covid-19, as escolas foram fechadas para evitar o contágio do vírus. O fechamento se deu a partir do decreto nacional das Portarias Nº 343, de 17 de março de 2020 (Brasil, 2020<sup>1</sup>) e Nº 544, de 16 de junho de 2020 (Brasil, 2020<sup>2</sup>) que pressupõem a substituição, ou seja, a continuidade das aulas presenciais, por meios digitais. No Amazonas, o Decreto Nº 42.087, de 19 de março de 2020 suspendeu as aulas presenciais em todos os municípios do Amazonas. Nos termos do Art. 1º, Inciso I, que determina:

Sem prejuízo de todas as determinações constantes dos Decretos nº 42.061, de 16 de março de 2020, 42.063, de 17 de março de 2020 e 42.085, de 18 de março de 2020, ficam suspensas, pelo prazo de 15 (quinze) dias:

I - As aulas, no âmbito da rede estadual pública de ensino em todos os Municípios do Estado, integrada pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto, bem como do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas e da Universidade do Estado do Amazonas.

Diante disso, vivenciei as dificuldades que a escola passou para que se moldasse a uma nova realidade exigida por conta da pandemia, esbarrei com desafios que não estava preparada, assim como meus colegas de trabalho. Barreiras entre conhecer e utilizar as ferramentas tecnológicas solicitadas e adotadas pela escola para as aulas remotas. Dentre outros desafios como: planejar aulas que a aprendizagem dos alunos não fosse prejudicada, criar atividades que engajássemos alunos nas aulas remotas, abdicar de tempo e espaços na residência para realizar gravações de aulas.

Assim que as escolas foram autorizadas a retornar em modalidade remota, a escola na qual trabalhava reuniu com os professores, por meio de ferramentas digitais, em uma videochamada para traçar o que faríamos nesse retorno do ensino, de maneira remota emergencial. A princípio se pensava que o que faríamos seria um trabalho de Ensino a Distância (EAD), uma modalidade de educação efetivada pelo uso da tecnologia, onde o professor e alunos estão separados fisicamente no espaço ou no tempo. A modalidade EAD, já era conhecida pelos docentes. Porém nos deparamos com nomes, até então, desconhecidos. Sendo eles: Ensino Remoto e Ensino Híbrido.

Visando não atrapalhar o ano escolar, as instituições escolares privadas da cidade de Manaus, aderiram ao Ensino Remoto Emergencial (ERE). A transferência prevê que as aulas continuem sendo dadas, remotamente, de modo online, mediada por dispositivos digitais. Essa variante de ensino exige que a escola se adapte aos modos de ensinar e aprender, utilizando as Tecnologias Digitais Interativas (TDIs), transitando da modalidade presencial, para a online. De acordo com Moreira e Schlemmer (2020, p.08):

O Ensino Remoto ou Aula Remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pelo COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais.

A princípio, a escola optou por gravar vídeos do conteúdo, dispor na plataforma online de vídeos conhecida como YouTube, juntamente com outra plataforma chama Google Classroom (traduzida, se chama Google Sala de Aula). O professor se locomovia até a escola e gravava aulas, com uma estrutura montada pela escola, essa maneira se assemelhava muito mais com o EaD, do que com o ensino remoto. Em poucas semanas, o corpo pedagógico sentiu que não estava surtindo efeito, pois os

alunos não engajavam. Então, houve a mudança para de fato a utilização do ERE, onde o professor e o aluno estariam *online* via dispositivos digitais, com a mesma carga horária das aulas presenciais.

Atuando como auxiliar fui designada a ficar em uma turma específica, sendo ela a turma do 3º ano. Meu papel consistia em auxiliar o professor na organização da turma, nas apresentações de tela, a avisar quando o áudio não funcionasse e intervir em qualquer problema que o professor tivesse, em relação ao uso da plataforma. Não foi uma tarefa fácil, até mesmo para mim que era familiarizada com as plataformas digitais utilizadas. Foram três meses auxiliando as aulas remotas, trabalhando de casa e participando de reuniões por videochamadas.

Com uma queda na disseminação da doença causada pelo vírus da Covid-19, o governo do estado do Amazonas, liberou o funcionamento das escolas privadas. Vale ressaltar que esse retorno foi bem controverso, visto que, ainda não havia vacinas para assegurar a nossa saúde, nem a dos alunos. O decreto N.º 42.459, de 03 de julho de 2020, nos termos do Art. 1º determinava que:

As instituições de ensino privado, profissional, tecnológico, cursos preparatórios e escolas de idiomas, autorizadas a retomar o funcionamento presencial, a partir do dia 06 de julho de 2020.

No decreto constava diversas medidas sanitárias a serem seguidas, para que as escolas privadas pudessem funcionar. É importante salientar que meu campo de trabalho é em uma instituição privada de ensino, e após o decreto liberando o funcionamento presencial, as aulas passaram a seguir o modelo de Ensino Híbrido, que constituía em aulas presenciais escalonadas e aulas remotas no período em que os alunos estivessem em casa.

Normalmente ouvimos o termo híbrido quando se trata da união de duas espécies de gêneros distintos ou raros. A expressão “híbrido” é designada para explicar algo composto por diferentes componentes. No dicionário Aurélio o termo híbrido tem como sinônimos: monstruoso, mestiço, irregular, antinatural. Diante disso, relacionar a educação com esse termo pode ser um grande desafio. Pensar na relação desse termo com a educação, é possível dizer que a educação sempre foi misturada, e uniu vários ambientes, grupos, práticas, tempos.

Agora, pensar no que vivemos nesses últimos tempos no ambiente escolar, em consequência da pandemia, visualizamos de maneira mais tangível e amplo. Para

Moran (2015), “Híbrido é um conceito, rico, apropriado e complicado”. Nesse sentido, na educação híbrida, traz a perspectiva de que podemos ensinar e aprender de diversas maneiras, em qualquer momento e em inúmeros ambientes. É como misturar os mesmos ingredientes, e compor receitas, com gostos muito diferentes.

Sendo assim, enxergo o ensino híbrido como um recurso de ensino, que tem como fundamento uma metodologia efetiva e dinâmica, intercalando-se entre aulas presenciais e online. Enfatizo que o ensino na categoria híbrido, se apresenta como uma possibilidade de ensino que contrasta com o modelo tradicional de ensino que conhecemos. Tal como reconhece, Christensen:

O ensino híbrido é um programa de educação formal no qual um aluno aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino online, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, lugar, modo e/ou ritmo do estudo, e pelo menos em parte em uma localidade física supervisionada, fora de sua residência. (CHRISTENSEN, HORN & STAKER, 2013, p.7)

Portanto, é importante ter em mente que o trabalho dos professores ainda será insubstituível no processo de ensino e aprendizagem, pois o ato de aprender tem profunda necessidade da relação, do entrelaçar entre um e outro, de uma aproximação entre os seres aprendentes, seja de forma virtual ou presencial.

Perante o exposto, volto a narrar as mudanças que aconteceram na escola diante de tantas novidades. Antes da pandemia, meu trabalho era voltado a auxiliar os professores, e também era a professora do turno integral, onde mediava a realização das atividades escolares e reforçava os conteúdos passados no turno da manhã. Quando as escolas precisaram fechar, eu fiquei sem ter uma função, e temia ser dispensada. Porém, como eu entendia e conhecia sobre tecnologias, ajudava em tudo que a escola precisava em termos digitais. Durante o período de quarentena, os alunos assistiam as vídeo aulas, mas não conseguiam compreender muitas vezes os assuntos, diante da demanda de dúvidas, me encarregaram de assumir o que chamamos de “Plantão de Dúvidas”, nada mais era que um grupo no WhatsApp, onde os alunos faziam suas perguntas e eu procurava o professor para que pudessem respondê-las aos alunos. Foi bem mais cansativo do que eu imaginava, trabalhar com aplicativos digitais faz com que as cargas horárias de trabalho se estendessem, muitas vezes até tarde da noite.

O retorno ao ensino híbrido, acarretou muitas mudanças, a principal delas era o rodízio de alunos. Consistia em separar as turmas, para que a escola não ficasse cheia, e definir dois dias, para que cada turma tivesse aula presencialmente. Os outros

três dias, as aulas eram remotas. Agora, o trabalho tomava um ritmo mais acelerado, já que no dia que a turma A (por exemplo) estivesse presencial, a turma B estava online, o professor tinha que dar aula presencial, e depois correr para a aula online. Para bom entendimento, é necessário explicar que a escola na qual atuo, mesmo sendo dos anos iniciais do ensino fundamental, cada professor é responsável por uma disciplina.

O trabalho se tornou mais cansativo, visto que alguns pais optaram por manter a criança em casa, e para esse caso o professor precisava gravar todos os conteúdos que eram dados no presencial. As gravações geralmente aconteciam no contraturno de trabalho, e passar do horário não contava como hora extra. Os professores estavam mais sobrecarregados que antes, exaustos e inseguros.

Foi um período dos mais desafiadores em minha trajetória acadêmica/profissional no qual, precisei abdicar de momentos de descanso, lazer e aquelas horas dedicadas ao cuidado pessoal. Além disso, a preocupação com a saúde permaneceu mesmo com as medidas de prevenção e a 1ª dose da vacina que todos os profissionais da escola foram contemplados. Isto é, as tensões vividas pela pandemia ainda faziam e fazem parte da prática docente.

Diante disso, apresento a partir daqui alguns pontos que elenquei em meu caminho pelo ensino remoto durante a pandemia, como já citado anteriormente, irei discorrer como ocorria o planejamento de minhas práticas, a utilização de recursos tecnológicos, bem como o engajamento e aprendizagem dos alunos. Ao pensar em tais práticas, trago algumas reflexões à luz de referenciais teóricos para dialogar com meu processo de compreensão a fim de me reconhecer como docente na realidade adversa de pandemia. (Será que na altura do trabalho, esse parágrafo não fica redundante?)

## **2.2. O PLANEJAMENTO NO ENSINO REMOTO**

O pressuposto de qualquer atividade de planejamento, é o desejo de mudança, de acertar, de aperfeiçoar. Seria importante que o professor fosse ganhando clareza de que, se não planejar conscientemente, a tendência é reproduzir"  
Celso Vasconcelos

Pensando nas exigências que moviam minhas práticas ao planejar aulas e atividades durante o ensino remoto, as atitudes voltadas para um ensino tradicional,

onde o professor é a figura central, detentor de todo conhecimento e apenas um transmissor de conteúdos, ainda norteavam o meu trabalho. Mesmo diante de recursos tecnológicos inovadores. Neste ponto começo a refletir acerca do meu desejo de mudança, da minha vontade de aperfeiçoar o trabalho docente, isso com auxílio e orientação do planejamento.

Como ponto de partida, trarei um breve histórico sobre o planejamento escolar no Brasil. O planejamento passou a ser obrigatório nas escolas brasileiras, a partir da década de 60, representado em um quadro dividido em colunas, contendo tais itens: conteúdos, objetivos, procedimentos, recursos e avaliação.

Anos depois, durante o processo de redemocratização do Brasil, surgiram novas concepções do planejamento. Com essa nova concepção, houve a ampliação do modo de elaborar, o que resultou na inserção o PPP (Projeto Político Pedagógico), que seria um planejamento pensado a realizar o proposto a longo prazo, contendo dados da escola, as prioridades a serem trabalhadas, atividades que devem ser realizadas, e objetivos que deviam ser definidos coletivamente.

Planejar é “antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto” (VASCONCELLOS, 2000, p.35). Uma das funcionalidades do planejamento escolar é atribuir sentido na atuação docente: qual a finalidade do trabalho, o que fazemos na escola, na sala de aula, como desejamos formar um indivíduo, como iremos alcançar nossos objetos?

O planejamento escolar é um meio de reflexão, coordenação e sistematização do trabalho docente, ligando a atividade escolar e o contexto social. O planejamento é uma ação reflexiva a respeito das nossas atividades em sala de aula, pois é um instrumento que pode auxiliar os educadores a realizar um trabalho com qualidade. De acordo com Libâneo (2001, p.221),

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação.

O planejamento se divide em três categorias vinculadas entre si, sendo elas: o plano de ensino (ou plano de curso), plano de aula e o plano da escola. O plano de ensino é uma antecipação dos objetivos e funções docentes, de maneira mais elaborada proposto para seis meses ou um ano. O plano de aula é mais pontual, pois

prevê o desenvolvimento para uma aula ou agrupamento delas. O plano da escola é um registro mais universal, com orientações gerais sobre a escola e os planos de ensino.

A função do planejamento escolar é racionalizar, coordenar e organizar a ação docente, concedendo ao professor, a escola e ao aluno um ensino de qualidade, criando uma rotina e deixando de lado o improvisado. Evidenciar concepções, procedimentos e meios do trabalho docente que garantam junção das tarefas escolares e as exigências do contexto social. Articulando os objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação de maneira coerente e significativa. Para Libâneo (2001, p. 223),

[...] o plano é um guia de orientação, pois nele são estabelecidos as diretrizes e os meios de realização do trabalho docente. Como sua função é orientar a prática, partindo das exigências da própria prática, ele não pode ser um documento rígido e absoluto, pois uma das características do processo de ensino é que está sempre em movimento, está sempre sofrendo modificações face as condições reais.

Com o isolamento social imposto pela pandemia, nosso planejamento de aulas precisou ser reorganizado. Agora, vendo os alunos apenas por telas, o professor precisou mais do que nunca planejar. Em um primeiro momento, a escola enviou os livros didáticos dos alunos para suas casas, criando um serviço de delivery idealizado pela gestora. Assim que nós retornamos as aulas remotas, a direção era planejar as aulas onde, os conteúdos seriam passados nas videoaulas, e as atividades seriam realizadas pelos alunos em casa.

As implicações da pandemia, nos fez trabalhar como nunca havíamos visto. O desafio foi grande, principalmente quando se tratava em planejar as aulas remotas com a utilização de recursos digitais. A princípio, foi difícil se adaptar a esse formato, em ambiente digital.

No plano de aula, agora, era preciso registrar o tipo de atividade proposta que poderia ser síncrona, onde o aluno aprendia e fazia atividades junto com o professor ou assíncrona onde o aluno realizava a atividade sozinho no seu tempo. Houve muitas dificuldades no acesso e no uso das tecnologias, fazendo com que o trabalho sobrecarregasse, já que tínhamos que aprender a mexer nas plataformas, adequar o planejamento para aulas que engajassem - era o que mais ouvíamos da gestora, "planejar aulas em que os alunos participassem" -, e ainda criar materiais para usar nas plataformas.

Os pais afirmavam que a comunicação da escola era falha, e que quando não podiam acompanhar as aulas remotas com os filhos não sabiam as atividades passadas e conteúdos ministrados. A gestão, juntamente com a coordenação propuseram aos pais criar um cronograma de estudos semanais, onde continha previamente todos os conteúdos a serem ministrados e os materiais utilizados, e após as aulas recebiam a “agenda do dia” com as atividades passadas de cada disciplina e turma.

Portanto, mais uma atividade nos foi solicitada, agora precisávamos construir os "cronogramas de estudos" e a "agenda do dia" com objetivo de auxiliar os pais e responsáveis no acompanhamento das atividades dos alunos. Isto é, ao mesmo tempo que poderia aproximar os pais e responsáveis do processo discente, também representou sobrecarga pra nós, visto que passamos e dedicar horas extras na construção dessas ferramentas.

Me atrevo a dizer, e com descontentamento que, a forma em que fluiu a organização do meu trabalho, com tantas exigências, cobranças, sobrecargas, inseguranças, foi difícil enxergar alguma coisa positiva. No entanto, me volto a refletir sobre cada situação e percebo que em meio as problemáticas, me surgiram novas ferramentas que agregaram aos meus conhecimentos e me permitem estar em conexão com os alunos mesmo à distância.

### **2.3. OS RECURSOS TECNOLÓGICOS**

“A tecnologia é somente uma ferramenta no que se refere a motivar as crianças e conseguir que trabalhem juntas, um professor é o recurso mais importante.”  
Bill Gates

Nesse novo cenário de inserção de novas tecnologias na educação é colocado em visibilidade uma figura de professor que deverá ter um perfil mais próximo das exigências requeridas como a possibilidade de novas maneiras de ensinar e transferir conhecimento.

O uso da tecnologia possibilita em ambiente educacional a transformação no papel do docente que passa a executar uma função de organizador da aprendizagem, utilizando as tecnologias como instrumentos na edificação do conhecimento e não só um transmissor de informações.

Levando em conta, que recursos tecnológicos, como computadores, notebooks, tablets, smartphones, vêm tomando espaço no cotidiano dos alunos, é visível a importância de alinhar o uso de recursos tecnológicos nas escolas e nas práticas do professor. Segundo Moran (2012, p.164):

As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

Os recursos tecnológicos são ditos como instrumentos potencializadores no processo de ensino-aprendizagem, se forem utilizados de maneira adequada. A utilização da tecnologia não deve ser colocada como ação primordial, mas precisa ser vista como um procedimento pedagógico, servindo de estímulo nas aulas. Para Toledo (2015) o uso de recursos tecnológicos na educação:

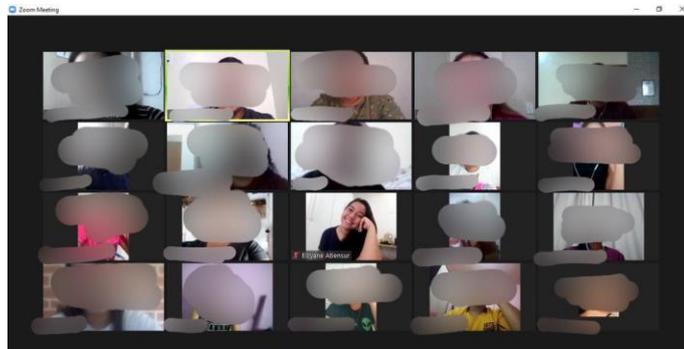
auxiliam tanto o professor quanto o aluno durante o processo de aprendizagem, proporcionando condições, ao professor, para ministrar aulas de forma mais criativa, acompanhando as transformações e mudanças que ocorrem quando o aluno passa a exercer sua independência na procura e seleção de informações e na resolução de problemas, tornando-se assim o ator principal na construção do seu conhecimento.

Visto isso, podemos dizer que utilizar os recursos tecnológicos como instrumentos pedagógicos podem auxiliar no processo de aprendizagem, onde o aluno constrói seu conhecimento articulando ideias, criando explicações, resolvendo problemas propostos no ambiente escolar. Nesta perspectiva, Coll e Monereo (2010, p.17) apontam as tecnologias de informação e comunicação (TICs) como recursos significativos na educação, pois enxergam que são “instrumentos para pensar, aprender, conhecer, representar e transmitir para outras pessoas e para outras gerações os conhecimentos adquiridos”.

No momento em que as escolas precisaram permanecer fechadas, em decorrência da pandemia, as aulas remotas emergenciais surgiram para que continuássemos a lecionar. Na escola privada na qual atuava, os professores precisaram retomar suas atividades, mesmo em frente a pandemia com muitas incertezas e inseguranças. Houve uma exigência de forma acelerada, para que atualizassem seus conhecimentos ao uso de recursos digitais para integrar sua função docente.

O primeiro recurso tecnológico escolhido pela escola, foi o aplicativo WhatsApp, um recurso utilizado para comunicação por mensagens de texto instantâneas, criamos grupos da turma nesse aplicativo para darmos avisos e enviarmos materiais para os alunos. Semanas após, iniciamos as gravações de aula que eram postam em uma plataforma online de transmissão de vídeos, chamada YouTube. Nosso trabalho, era apenas gravar as aulas, a postagem das mesmas ficava nas mãos da secretaria da escola, visto que não havia uma equipe preparada para assumir o cuidado das plataformas digitais.

Com o uso avançado de recursos tecnológicos no tempo da pandemia, muitos aplicativos surgiram e tivemos que ir nos adequando. Começamos a utilizar o aplicativo de videochamadas online, chamado Zoom, tinha função de reunir várias pessoas ao mesmo tempo em uma reunião online. Nossos encontros pedagógicos passaram a ser feitos, através dessa plataforma digital.



Encontro pedagógico realizado pelo *Zoom*. (Arquivo Pessoal).

As aulas continuaram a serem gravadas e postadas no *Youtube*, mas eram feitos encontros semanais com a turma pelo *Zoom*, com a presença dos professores da turma e a psicóloga da escola, a fim de manter o contato com os alunos, amenizar a saudade deles e para que eles revivessem e interagissem com seus colegas, mesmo que longes.

Depois de um período, foi nos apresentado um aplicativo diferente do que utilizávamos para as videochamadas, prometendo funcionalidades bem melhores. O *Google Meet* tinha a proposta parecida com o *Zoom*, mas permitia gravação das aulas, o que faria que o trabalho fosse sistematizado em uma única plataforma. No momento em que foi apresentado o *Google Meet*, a escola promoveu uma ambientação da plataforma, a fim de ensinar e mostrar todos as funcionalidades do mesmo, para que pudessemos utilizá-lo.

Após isso, só utilizamos esse recurso para dar nossas aulas. As aulas passaram a acontecer online, onde seguiam o turno do aluno em uma sala de aula virtual. Confesso que o *Google Meet* foi a plataforma mais simples de manusear e aprender. Nela conseguimos transmitir telas, conversar com os alunos através do chat, manter uma aproximação com os alunos mesmo que separados por uma tela. A escola decidiu também, utilizar um sistema de gestão online, nele nós postávamos as atividades, os conteúdos passados, e as videoaulas que eram gravadas pelo *Google Meet*.

Material	Data da aula	Conteúdo	Aulas dadas
	09/02/2021 Terça	Apresentação/Combinados <i>Aula em sala em 09/02/2021 de 07:30h às 08:30h</i> frequências	1
	12/02/2021 Sexta	Autocorreção de Exercício de Fixação nº01 <i>Aula em sala em 12/02/2021 de 09:30h às 10:00h</i> frequências	1
	16/02/2021 Terça	Eu sou criança: Todo mundo é diferente. <i>Aula em sala em 16/02/2021 de 07:30h às 08:30h</i> frequências	1
	23/02/2021 Terça	Eu sou criança: O que você quer? <i>Aula em sala em 23/02/2021 de 07:30h às 08:30h</i> frequências	1
	26/02/2021 Sexta	Eu sou criança: Como é seu jeito de ser? <i>Aula em sala em 26/02/2021 de 08:30h às 09:30h</i> frequências	1
	02/03/2021 Terça	EU SOU CRIANÇA <i>Aula em sala em 02/03/2021 de 07:30h às 08:30h</i> frequências	1
	09/03/2021	EU TENHO TEMPO: TODOS TEMOS HISTÓRIA	1

Sistema de gestão online, chamado de PROESC. (Arquivo pessoal)

Diante do exposto, saliento que o uso dos recursos tecnológicos foi essencial para que pudéssemos retomar o nosso trabalho. Em contrapartida, quanto mais plataformas digitais eram agregadas ao meu trabalho, mais era exigido de mim. Era necessário utilizar inúmeros recursos tecnológicos de uma vez só, geralmente utilizava: um para criar atividades, outro para digitalizar os livros, um terceiro para fazer as videochamadas das aulas, além das de comunicação, como o WhatsApp, que antes era de uso pessoal, e acabaram se tornando ferramentas de trabalho.

Para a gravação das videoaulas, foi montado um estúdio na escola e criado uma escala de gravações, onde era preciso ir no dia data e horário fixado ao cronograma. Gravamos, em um dia, cinco a seis aulas. Era exaustivo. Planejava, criava materiais, scaneava os livros, produzia atividades em folhas avulsas, tudo para suprir a demanda que era cobrada, já que os pais estavam pagando a mensalidade, portanto nosso trabalho precisava ser feito em qualquer circunstância.

Ao mudarmos para o ensino híbrido, onde as aulas aconteciam de maneira presencial e online. A escola forneceu uma sala (que nunca estava vazia), e um notebook para que as aulas remotas acontecessem. Visto que na maioria das vezes, o barulho externo – por darmos aulas direto da escola, em uma sala de atendimento

que nunca estava vazia e algumas vezes no horário do intervalo das turmas da educação infantil -, foi necessário adquirir um fone de ouvido com microfone integrado, para que os alunos me ouvissem e eu os ouvisse com clareza.

Diante disso, houve diversas dificuldades enfrentadas, me atrevo a mencionar a que eu considerei a principal delas: trabalhar em frente ao computador, diante de uma sala de aula virtual. Mexer com recursos tecnológicos, para mim, nunca foi um problema, o obstáculo aqui foi estar diante de uma sala de aula virtual e atender a demanda que ela trazia ao meu trabalho. Assim como o mundo digital as informações e acessos são instantâneos, pensava que o meu trabalho precisava ser. A escola cobrava um planejamento engenhoso, cheio de dinâmicas e recursos para que os alunos engajassem, ao mesmo tempo era preciso que os conteúdos continuassem sendo passados, e diante disso a robotização do meu trabalho me afligia. Dormi e acordar, já pensando em como precisaria montar o slide, as atividades para que os alunos não se entediassem, era uma tormenta.

Apesar dos percalços, nunca pesquisei tanto sobre aprendizagem e materiais de apoio para que as aulas fossem significativas para os meus alunos, quanto nesse período de aulas remotas. Por muitas vezes, atrelei meu trabalho apenas ao uso dos livros didáticos, sem utilizar quaisquer recursos para que a ensino-aprendizagem fosse significativo. Percebi que a prática de ser uma professora pesquisadora, que busca materiais e planeja as aulas pensando na aprendizagem dos alunos, é o caminho que seguirei e que ficará permanente na minha ação docente.

Diante do exposto, é possível enxergar que as exigências cobradas pela escola, tais como planejamentos elaborados, aulas atrativas, materiais lúdicos e ainda assim, cumprir com o cronograma de conteúdo a serem passados eram extremamente pesadas. O tempo era dedicado apenas a cumprir cronogramas e requisitos da ação docente. Não havia tempo dedicado ao olhar para si, a me enxergar como ser humano e perceber onde poderia melhorar e transformar para uma prática docente mais potente durante o ensino remoto.



*Aula online da turma do 1º ano na plataforma digital Google Meet.*

#### **2.4. O ENGAJAMENTO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS NAS ATIVIDADES REMOTAS**

“O processo de ensino-aprendizagem deve ser algo prazeroso que nos de vontade de continuar” Maria Clara Fraga Lopes.

Como perceber se em meio a todas essas mudanças causadas pela pandemia não está afetando o processo de ensino-aprendizagem deles? Sabemos que as transformações advindas da pandemia, não afetaram apenas aos professores, gestores e corpo pedagógico, mas também aos alunos. A escola é dita um refúgio para as crianças, um lugar para socializar, encontrar os colegas, brincar e aprender. O ambiente educacional faz parte da parte afetiva que a criança tem todos os dias. De maneira rápida, os alunos tiveram que deixar a escola e passar mais tempo em casa.

Quando as aulas da escola voltaram através de vídeo aulas gravadas e postadas no Youtube, nos deparamos com a não participação dos alunos. As aulas não eram assistidas, eram deixadas para depois, como o pensamento de “está gravado, posso assistir depois”. Os alunos não estavam interessados a assistir vídeos explicando conteúdos e passando atividades. Quando percebi que os alunos não assistiam as aulas, me sentia triste, pois enxergava o trabalho por trás de cada aula gravada, do planejamento minucioso do professor para que atingisse seus objetos, os materiais criados para tornar lúdica as aulas. Como se todo nosso trabalho, no momento, fosse vão.

A equipe pedagógica enxergando que os alunos não estavam assistindo as aulas gravadas, nem realizando as atividades propostas, resolveu buscar soluções para esse problema. Os alunos sinalizaram que assistiam os vídeos, mas quando tinham dúvidas, não tinham a quem perguntar, já que as aulas eram gravadas. Pensando nisso, foi criado um “Plantão de Dúvidas” para os alunos, e eu fui encarregada de organizar.

O “plantão de dúvidas” nada mais era que um grupo no WhatsApp composto pelos alunos, foi criado um grupo para cada turma. Nesse espaço virtual, eles poderiam tirar dúvidas sobre o conteúdo, diretamente ao professor. Funcionava assim: havia um horário para uma disciplina em cada turma, o professor da disciplina era adicionado no grupo e os alunos poderiam levantar suas questões. Foi uma boa alternativa para início, depois os alunos pararam de participar. Essa organização de trabalho, era uma loucura, pois os professores podiam ser acionados das 7h às 17h30 do seu dia, dobrando a carga horaria, já que no presencial a carga horaria de trabalho é de cinco horas.

Depois disso as aulas passaram a ser feitas de formas síncronas, em ambiente virtual com presença do professor e aluno. Senti que dessa maneira os alunos se tornaram mais participativos, creio que por ter a presença do professor e dos colegas, tornou mais significativo, mesmo a uma tela de distância.

Na tentativa de criar outras possibilidades para minhas aulas, utilizava recursos visuais e jogos digitais, através de slides, vídeos e etc. Os alunos respondiam de maneira satisfatória quando as aulas eram além dos livros didáticos escaneados que transmitíamos na tela. Ao pensar nisso, nesse momento, reflito que nas aulas presenciais também deve ser entediante pro aluno, um turno inteiro de conteúdos e atividades, com o uso apenas do livro didático.

Devo dizer que, mesmo com tantos recursos para que os alunos participassem, engajassem e continuassem aprendendo, o que vi foi uma evasão nas salas de aulas digitais. Turmas que os alunos não costumavam faltar no presencial, agora, não costumavam participar das aulas online. As atividades propostas, também não eram realizadas com tanta frequência por eles. No retorno a escola, para o ensino híbrido, notei que a maioria dos alunos não haviam realizado as atividades propostas, livros em branco e os alunos com a aprendizagem prejudicada.

Por que os alunos não participavam, mesmo diante de tantos recursos a fim do engajamento deles? Os alunos das turmas de 1º e 2º ano dependiam de uma pessoa

para o auxiliar e acompanhar as aulas com eles, visto que entrar nas salas virtuais, ligar câmera, desligar áudios era complexo para eles. Algumas vezes, os alunos utilizavam o aparelho celular dos pais, e quando eles não estavam em casa, não assistiam as aulas. E também, em alguns casos, os pais preferiam assistir as aulas gravadas ao acordar seus filhos para as aulas online.

Os alunos das turmas do 3º ao 5º ano, já eram mais independentes quando se tratava de mexer na plataforma onde aconteciam as aulas, já conseguiam assistir aulas sozinhos e utilizar das ferramentas como os chats, dentre outras. Porém, o caso se repetia quanto ao uso da ferramenta para assistir as aulas, precisavam dos celulares dos pais e quando não tinham, não participavam das aulas.

Os alunos facilmente se entediavam nas aulas remotas, era possível ver através das telas eles fazendo outras atividades como assistir tv, ouvir músicas, brincar com brinquedos, andar pela casa, enquanto as aulas aconteciam.

Ao retornamos ao ensino híbrido, as frequências no presencial eram grandes, enquanto a do remoto decaíam. Os alunos apontavam que “era muito chato assistir a aula online, que gostavam mesmo de ir à escola e assistir aulas presenciais”. Os pais apontavam que eles assistiam as aulas gravadas, no horário que era possível e realizavam as atividades, sem precisar participar das aulas remotas no horário que aconteciam.

Diante do exposto, vimos que as aulas remotas não foram proveitosas aos alunos como deviam ser, mesmo que nós professores tentássemos de tudo para que engajassem, muitas vezes era em vão, visto que eles não estimavam por elas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempo de pandemia, refletir sobre a ação docente diante desse cenário se torna fundamental, assim como pensar sobre o cuidado de si relacionando ao papel do professor diante do cenário exposto. Acerca disso, trago algumas considerações.

Compreender como o cuidado de si flui nos escritos de uma docência nos anos iniciais frente a pandemia da covid-19, que era o meu objetivo geral, me fez refletir o quanto o cuidado de si é importante para o significado de ser professor. Cuidado esse que começa pelo amparo da saúde física e mental dos professores, e se estende as suas relações com sua forma de ser e agir.

Decorrendo dos estudos sobre o cuidado de si e sua relação com a docência, passo a enxergar o cuidado de si como uma perspectiva que me permite desenvolver operações sobre meus pensamentos, minhas praticas docentes e o “olhar para mim”. Durante as narrativas, pude me (re)formular em todo o processo, e experimentar das vivencias de maneira a me ver como parte integral desse processo de (des)construção.

Com recortes das experiências relatadas nessa pesquisa, me volto a refletir sobre as perspectivas que envolvem a minha pratica docente. Momentos em que vivi, que fazem parte do que eu sou, um ser humano incompleto que busca na educação o prazer de se ensinar e ensinar ao outro. E mesmo com todas as adversidades encontradas na construção dessa pesquisa, em decorrência da pandemia do covid-19, pude recordar através da escrita momentos que fomentam minha ação docente.

Diante do apresentado, cabe a mim, ou melhor cabe a nós professores, refletirmos e debatermos as (im)possibilidades de recriação de si enquanto profissionais, enquanto seres humanos em um mundo em constante transformação. É preciso nos reconhecer, analisar nossas habilidades e competências, encontrar nossas fragilidades e buscar novas formas de (re)aprender para ensinar. Reitero que, ainda há muito o que se pesquisar sobre essa temática, visto que o professor, como ser humano, está sempre em processo autoformativo, o cuidado de si se torna um exercício, que possibilita emergir essa subjetividade.

## REFERÊNCIAS

AMAZONAS. **Decreto nº 42.061 de 16 de março de 2020**. Dispõe sobre a decretação de situação de emergência na saúde pública do Estado do Amazonas em razão da disseminação da nova corona vírus (2019-nCov). Diário Oficial [do Estado do Amazonas], Manaus, AM, p.1. março, 2020;

Brasil (2020<sup>1</sup>). Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19**. Disponível em: <http://abre.ai/bgvB>. Acesso em: 02 julho. 2021.

Brasil (2020<sup>2</sup>). Portaria Nº 544, de 16 de junho de 2020. **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC no 343, de 17 de março de 2020, no 345, de 19 de março de 2020, e no 473, de 12 de maio de 2020**. Disponível em: <https://cutt.ly/9inmB8v>. Acesso em 02 julho. 2021.

CALDEIRA, Ana Maria Salgueiro. **A história de vida como instrumento para compreensão do processo de construção da identidade docente**. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), 10, Anais... [cd-rom], Rio de Janeiro, 2000.

CHAVES, S. N. **A construção coletiva de uma prática de formação de professores de ciências: tensões entre o pensar e o agir**. Campinas: FE/UNICAMP, 2000. (Tese de Doutorado).

CHRISTENSEN, Clayton M.; HORN, Michael B.; STAKER, Heather. **Ensino híbrido: uma inovação disruptiva? Uma introdução à teoria dos híbridos**. Fundação Lemann e Instituto Península (Trad.). Christensen Institute: 2013. Disponível em: <https://www.christenseninstitute.org/publications/ensino-hibrido/> . Acesso em: 10 julho. 2021.

COLL, César; MONEREO, Carles. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, César; MONEREO, Charles. **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 15-46.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 1989.

FOUCAULT, Michel. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2009. v. 3.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.

MORAN, J.M. **Educação Híbrida: um conceito-chave para a educação, hoje**. In: BACICH, Lília, et.al. Organizadores. Ensino Híbrido: Personalização e tecnologias na educação. Porto Alegre. Penso, 2015.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MOSQUERA, J. J. M.; STOÄUS, C. D.; TIMM, E. Z. **O professor e o cuidado de si: perspectivando a própria vida como uma obra de arte. Por que não?** Ciência em Movimento, ano XI, n. 22, p. 47-53/2009/2. 2009.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Pesquisas Pós-críticas em educação no Brasil: esboços de um mapa**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

TOLEDO, B. de S. **O uso de softwares como ferramenta de ensino-aprendizagem na educação do ensino médio/técnico no Instituto Federal de Minas Gerais**. Universidade FUMEC. Belo Horizonte, 2015.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização**. São Paulo: Libertad, 2000.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Sobre o Planejamento Escolar: Momentos Iniciais, Projeto de Ensino- Aprendizagem e Trabalho por Projetos**. In: Gestão da Sala de Aula. São Paulo: Libertad, 2019 (no prelo).